APM
série: 6
Subsérie: 2
cx: 01
doc: 09

10/02/1936

07 páginas escritas
(contém envelope).

Archivo Publico Mineiro

(Repartição Publica Estadoal)

52

Bello. Horizonte

Artigo offerecido ao Archivo, pelo Sr Manoel Pontes, em Fev. de 1936.

Revolução de 42.

— A Rebellião de 42 —

Faltam, apenas, seis annos e alguns mezes, para commemorar-se o 1°. centenario da revolução de 1842. Seria pleonasmo escrevermos a respeito da mesma, ao dirigirmos estas linhas ao Archivo Publico Mineiro.

O nosso intuito é outro.
Em 100 annos, já estão desapparecidos de ha muito os personagens da Rebellião; nos seus descendentes, pouco a pouco, a lembrança do que ouviram sobre os acontecimentos se dissipa. Mais tarde, factos que poderiam ter sido verificados passam ao dominio das lendas e apparecem as controversias.

Cinco lustros já se foram depois de, no Externato do Gymnasio Mineiro, em prova escripta de Historia do Brasil, tratando do movimento liberal de 42, termos tido opportunidade de registar alguns versos, colhidos na tradicção familiar. Não os encontrámos na Historia do Conego Marinho e só agora, lendo o "Correio da Manhã" de 24 de Novembro de 1935, podemos afastar d'essa tradicção o defeito do "testis unius, nullius testis."

O sr. dr. Simoens da Silva, numa de suas chronicas regionaes, a de Santa Luzia, transcreve estas quadras, que lhe

foram communicadas pelo ex-senador e actual prefeito, conceituado advogado na comarca, o prestigioso coronel Modestino Gonçalves, "filho de um dos revolucionarios" e, portanto, informação fidedigna.

São estes os versos:

"Quem roubou Santa Luzia
Não foram os Chimangos não;
Foi o barão de Caxias
Com todo seu batalhão.

x

Roubaram a Capa de Asperges
Os olhos de Santa Luzia
Que vergonha! foram roubados
Pelo barão de Caxias.

x

Do João Gualberto, o cavallo
Preso nas estrebarias
Que vergonha! foi roubado
Pelo barão de Caxias."

x

Agora, as nossas credenciais e depois, tambem, os versos da tradicção de nossa familia.

Somos bisnetos do capitão Tristão Francisco Pereira de Andrade, que, como liberal, esteve preso na Cadeia de Ouro-Preto e a quem se refere o Conego Marinho na Historia do Movimento de 42.

Eis os promettidos versos:

"Que desgraça, ó mineiros!
A' nossa Terra chegou
A gente do Caxias
Olho viu e mão andou.

—

+

Até das proprias senhoras
(Grande Deus! Que villanias!)
Arrancaram brincos e orelhas
Os soldados do Caxias.

×

O que elles fizeram
Em Santa Luzia
Oh! nem fallar nisso!
Cruz! Avé Maria!

×

De João Gualberto, o cavallo,
Preso nas estrebarias,
Que vergonha! foi roubado
Pelo barão de Caxias."

A concordancia da ultima satira demonstra a authenticidade das outras. E prova, ainda, a genuinidade d'estes fragmentos do

Hymno dos Rebeldes

"Ás armas, ó Mineiros, vamos
Contra infames combater!
Que entre a morte e a escravidão
Vamos a morte escolher!"

E o estribilho:

"Mas nós, contentes,
Com doce união,
Gritamos todos: Viva!
Viva a Constituição!
Gritamos todos: morra!
Morra a escravidão!

Si estas linhas se destinassem a uma

vulgarisação fóra do paiz, absolutamente não partiriam de nossa penna.

Teriamos o exemplo de Bento Gonçalves, o immortal chefe dos Farrapos, ao recusar o auxilio de Rosas: — republicanos gauchos, combatemos o Imperio; o primeiro soldado estrangeiro, porém, que atravessar as fronteiras do Brasil, terá de passar sobre os nossos corpos!

Quem, fóra de nossa Patria, tentasse denigrir o vencedor de Lomas Valentinas, certo encontraria a oppor-se-lhe a desvalia, mas não a insinceridade, de nossa penna!

Na politica interna, o aspecto é outro. Caxias foi o baluarte do partido conservador, chegando a presidente do ministerio da corrente fundada pelo nosso immortal conterraneo Bernardo de Vasconcellos, cujo brilho apenas encontrou rival em Theophilo Ottoni, a alma do liberalismo mineiro.

A Rebellião de 42 é uma pagina luminosa da Historia de Minas-Geraes. Basta considerar quem era o nosso alliado em S. Paulo: — o padre Diogo Antonio Feijó, "o salvador da unidade da grande Patria", na phrase de João Ribeiro.

Contam que, um dia, querendo humilhal-o, alguem lembrou ao imperador hespanhol o fracasso da Invencivel Armada. Ao que elle respondeu: — mandei os meus marinheiros para combater contra homens e não contra a furia dos elementos!

Quem, após a guerra do Paraguay, relembrasse a data de 20 de Agosto de 1842, como sendo um presagio dos triumphos do generalissimo Lima e Silva, e uma derrota completa dos mineiros, poderia ter de um remanescente d'esse combate a reposta:

"Para vencer-nos foi preciso vir o heróe de Itororó, Avahy, Lomas Valentinas e Angostura; e elle mesmo, para vencer-nos, teve de combater das 8½ da manhã até á noite; Santa Luzia seria o Waterloo do Pacificador, não simulasse uma retirada, não recorresse a esse estratagema e não compartilhasse a victoria com a bravura do irmão, o futuro visconde de Tocantins!"

Não é demasiada a severidade da represalia poética dos combatentes de 42:- os factos verberados são explicaveis nos excessos de uma victoria, na confusão dominante e, até juridicamente, poder-se-hia interpretar o caso do então Barão de Caxias apparecer montado no cavallo do coronel João Gualberto Teixeira de Carvalho como sendo uma requisição militar.

Da Rebellião de 42, as lembranças mais valiosas se encontram no Museu Historico do advogado Aurelio Dolabella, que até possue um pequeno canhão usado pelos rebeldes. Tem este um grande valor historico, pois os ~~com-~~ ~~batentes~~ liberaes somente combatiam com uma peça de artilharia.

Aproveitamos a opportunidade para offerecer vehemente contestação ao que consta do Archivo da Casa dos Contos, ha tempos di-

ondgado pelo sr. dr. José Affonso de Mendonça. Refere-se a uma offerta de 200$000 do rebelde Tristão de Andrade para auxiliar as despezas com a debellação do movimento revolucionario.

É inacreditavel.

Depois da victoria de Queluz, a 26 de Julho, conseguida pelo coronel Antonio Nunes Galvão, o presidente conservador temeu um ataque a Ouro-Preto e, então, recolheu á cadeia os liberaes de mais prestigio, entre elles o capitão Tristão Francisco de Andrade, abastado commerciante, estabelecido no Largo do Mercadinho, que é hoje o inicio da rua das Flores, entre a antiga Caixa Economica e a referida Casa dos Contos.

Contava — e a exaltação das divergencias partidarias justificava o boato — que, por occasião da entrada de Caxias em Ouro-Preto, os presos seriam passados pelas armas.

A esposa do capitão Andrade, a qual veio a fallecer muito mais tarde com 93 annos de idade, não querendo que o seu marido fosse executado indefeso, conseguiu introduzir armas na cadeia, disfarçando-as em caixas de marmelada (muito conhecidas, ~~tampa~~ todas ellas de madeira).

De facto, Caxias entrou a 6 de Agosto; porém, o bravo militar não iria macular a sua gloria no sangue de homens encarcerados.

O episodio é um tanto analogo ao que, na propaganda da Republica, fez com que Silva Jardim, em S. João d'El-Rey,

proclamasse a mulher mineira como sen-
do a mais valente do Brasil.

O liberal Tristão Pereira de Andrade não ajudou espontaneamente os conservadores com 200$000.

As circumstancias demonstram-n'o. Cada vez que o Jury libertava um rebelde, a familia Andrade offerecia um baile de regozijo e bem alto era cantado o hymno revolucionario:

"Ás armas, ó Mineiros, vamos
Contra infames combater!
Que entre a morte e a escravidão
Vamos á morte escolher!"

Si Tristão de Andrade auxiliasse com 200$000 a situação conservadora, d'elle não se lembraria na Historia de 42 o rebelde Conego Marinho.

A espontaneidade d'essa offerta é igual á do suicidio de Claudio Manoel da Costa.

Manoel Pontes

B-Ftª 10-2-936